



Ciências Sociais na vertente Desenvolvimento, Território e Sustentabilidade foi o tema do 3º encontro das Jornadas de Ciência de Arouca.

O tema congregou especialistas do meio universitário e agentes do desenvolvimento local apostados, uns e outros, em rasgar horizontes com futuro a partir de um presente que desafia a capacidade criativa de cada um. Um evento, pois, preenchido pela reflexão e pelo debate, pela partilha de saberes e de experiências.

Luís Moita numa conferência acompanhada com interesse pela assistência, constituída também por alunos e professores da ESA, abriu as atividades. Partindo da longa trajetória da ideia de desenvolvimento, abordou, em tom coloquial, sucessivamente, o impacto das inerentes exigências éticas, a introdução dos conceitos de 'desenvolvimento humano', 'crescimento zero', teses do 'decrecimento' e 'ética do cuidado' inserido no compromisso com o 'ecossistema global'.

Luís Martins, um jovem arouquense, “alegre, responsável, motivado, focado, cheio de ideias, extrovertido e sempre interessado em saber mais”, já com curriculum no domínio da reflexão ética pela via da filosofia, uma das suas paixões, apresentou não só, mas também, a sua visão do mundo complexo das redes sociais: “Ficamos sós porque usamos as Redes Sociais ou usamos as Redes Sociais porque ficamos sós?”. Neste jovem arouquense bem se pode rever o *Agrupamento de Escolas de Arouca* que, ali mesmo, exibiu, de seguida, uma aula prática de “filosofia para crianças”, no âmbito do ‘Projeto Filosofia para Crianças’, a decorrer em várias escolas, e que visa “desenvolver numa perspetiva pedagógica formativa o espírito crítico, a autonomia do pensamento, a consciencialização para os valores e a vivência de uma cidadania interventiva”.

Em Arouca, que relação projetamos e estamos a construir com o território, um espaço que nos condiciona e nos desafia, e é, sempre, apelo à nossa imaginação criativa?

António Carlos Duarte (coordenador Executivo da Associação Geoparque Arouca), *Carlos Brandão* (presidente da AECA- Associação Empresarial de Cambra e Arouca) e *João da Silva Pinho* (coordenador da ADRIMAG – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras do Montemuro, Arada e Gralheira) apresentaram as suas experiências, salientando a sua aposta na valorização dos recursos endógenos; lançaram o apelo à criação de um “laboratório de ideias” que proponha iniciativas inovadoras ancoradas na realidades locais e à ligação das empresas com as escolas, a fim de que se cuide da preparação necessária dos futuros colaboradores das empresas, mas também se valorize uma política de fixação de mão-de-obra no concelho.



Partindo destes “saberes locais”, *Augusto Mateus* propôs uma conferência oportuna, imbuída de um elevado pragmatismo e convite à reflexão. Há que trabalhar a nossa capacidade de reflexão, antes de mais. O desenvolvimento está na nossa cabeça. Como se abrem pistas para o desenvolvimento? O desenvolvimento não se pode fazer em circuito fechado. Não há políticas públicas genéricas válidas e também não há desenvolvimento sem território, sem pessoas, sem gente. Desenvolver Arouca, partindo do que vai lá fora, questiona o que fazer aqui e agora. Vivemos num mundo rápido; há que partir da procura para a oferta; o que tem mais valor não tem preço, o que tem preço deixa rapidamente de ter valor; não vivemos em economia de quantidades, mas de valor; há coisas que não pagam o trabalho, mas que são importantes; há que estar atentos sobretudo às necessidades das pessoas: “produzir para necessidades e não para vender”. A aprendizagem ao longo da vida, o pensamento orientado para a ação são imperativos cada vez mais imperiosos.

O que se passa em Arouca no domínio da Sustentabilidade e Território?

Sérgio Caetano (Presidente da Direção da Associação SOS Rio Paiva) apresentou atividades que a sua associação desenvolve e que pretendem a proteção e conservação da biodiversidade, atividades direcionadas para a defesa e regeneração do Vale do Paiva – seus cursos de água, florestas, habitats, património cultural e suas gentes.

Atividades e intervenções em curso no domínio do Planeamento e Ordenamento do Território, da responsabilidade e competência da autarquia local, foram expostas, num prévio e pormenorizado enquadramento histórico, por *Adélia Neves de Almeida* (chefe da Divisão de Planeamento e Obras – Câmara Municipal de Arouca). Os Planos de Ordenamento, sintetizou, com as vicissitudes, dificuldades e constrangimentos decorrentes de legislação produzida pelo poder central, obedecem a um novo paradigma que valoriza o desenvolvimento sustentável, a racionalização dos recursos, a reabilitação, a concentração em vez da dispersão no crescimento das áreas habitadas e a participação dos cidadãos.

Qual o impacto da (des) continuidade rural-urbano na sustentabilidade do território?

O que é hoje o rural e o urbano? A dicotomia solo rural/solo urbano é cada vez menos consistente. Vai dando lugar a uma outra mais adequada à realidade, qual é a de zona natural / zona urbanizada, afirma, na sua conferência, *Teresa Barata Salgueiro*. Assistimos, hoje, à não coincidência de territórios, num processo de transformação caracterizado pela emergência de novas e



sucessivas centralidades, resultado da racionalização de custos e concentração de serviços - como hospitais, escolas, administração - à progressiva urbanização da vida rural, ao traçar e abertura de novas e mais acessíveis redes de mobilidade que tornam as populações cada vez mais próximas. Como se situa Arouca neste processo de transformação? Há que perceber e ter em conta a emergente preocupação por encontrar condições que proporcionem qualidade de vida, patente na procura de uma segunda habitação, na valorização da paisagem, nos fluxos turísticos, na mobilidade quotidiana das populações dispersas pelas áreas até há pouco mais isoladas. A coordenação de políticas e de programas de expansão da realidade territorial impor-se-á como urgência cada vez maior.

O 2º dia das **Jornadas de Ciência de Arouca – Ciências Sociais 2017**, iniciou-se com a apresentação de projetos denominados “As Escolas Intervêm no Território”, levados a cabo e sustentados por alunos das escolas do concelho e que foram já dados a conhecer à comunidade pelos seus protagonistas em ocasiões apropriadas. Cada um destes projetos evidencia, a par do investimento criativo dos seus autores, a utilização privilegiada dos produtos naturais da terra, assim como a sua articulação com a comunidade educativa e social. Alunos ou antigos alunos das Escolas apresentaram “apostas estratégicas” que vêm dando frutos, pensadas localmente e implementadas com imaginação. As Escolas de Arouca, apoiando o empreendedorismo e em conjugação de sinergias com as empresas, intervêm no território gerando e apoiando iniciativas como ‘*Ateliers Empreender Criança*’ - um projeto desenvolvido pelos alunos do 3º ano de duas Escolas Básicas e que visa desenvolver a literacia empreendedora através da criação de uma ideia de negócio; e projetos como ‘*Maria Granola*’ - um produto biológico à base de sementes, frutos secos e fruta desidratada -, ‘*Barca de Mansores*’ - um doce que é mais agradável provar que descrever -, ‘*Aroucream*’ - uma marca de gelados confeccionados de forma artesanal, envolvendo os doces conventuais do nosso concelho - e *Curadoria Digital* - um conjunto de conhecimentos, estratégias, abordagens tecnológicas e práticas, atividades e práticas acumuladas, que visam a produção, acesso e preservação de recursos digitais e tratamento da informação.

“Não tão saboroso e interessante como as deliciosas propostas que acabam de ser servidas”: nestes termos introduziu, *João Peixoto*, o tema que, a seguir, abordou: “A paisagem humana e o seu impacto no desenvolvimento do território”. Deteve-se, sucessivamente, na demografia como lugar de cruzamento de tendências sociais e económicas; nas dinâmicas demográficas, atuais e



prospetivas, a nível nacional e internacional, regional e local; na relação envelhecimento / despovoamento: “não se pode parar o envelhecimento, pode-se parar o despovoamento”. Alguns territórios manterão condições de reprodução social e económica, enquanto outros correm o risco de desertificação humana

Problema que exige “pensar bem e mais além” é o do Ordenamento do Território. Tema abordado por *João Ferrão*, o conferencista que se seguiu. Apontou os dilemas éticos, com evidente tradução no plano jurídico, que subjazem a uma política de Ordenamento do Território. O que é o bem comum? Conflituam, não raro, o bem comum e os direitos individuais. Interesses contraditórios que há que ponderar e que implicam escolhas políticas, normativas, sociais. As questões levantadas pelo Ordenamento do Território não têm soluções definitivas e implicam percursos nem sempre fáceis de calcorrear. Há que ter do território uma visão integrada, ultrapassando cegueiras, que enclausuram, para evoluir para visões de conjunto, articulando as diversas realidades em presença. O conceito e a prática do Ordenamento do Território tem uma aceitação escassa por parte da comunidade social e política. O que não significa que não apreciem, uns e outros, o Ordenamento do Território na casa dos outros. Não há, entre nós, uma cultura do bem comum, como acontece, p. e., na Holanda, onde as crianças são sensibilizadas, nas famílias e nas escolas, para a necessidade de ocupar/tratar o território em função do bem-estar coletivo. A indústria, por exemplo, olha frequentemente, entre nós, para o ordenamento do território como custo de contexto. Relevantes ainda nesta área de intervenção política são os conceitos que temos como adquiridos e definitivos e que condicionam negativamente as intervenções no terreno. Assim acontece com as dicotomias litoral/interior, norte/sul, urbano/rural. Conceitos que vão perdendo peso, mas que suportam visões rígidas, muito arraigados na cabeça das pessoas. Há que identificar as causas antes de construir soluções para os problemas do Ordenamento, tendo em conta que “o município não é uma ilha”. O fundamental pode não estar à escala do município. Há que ter uma visão dinâmica da população. Vivemos num mundo imprevisível que torna difícil lidar com a rigidez de normas, vivemos num contexto de imprevisibilidade. Visão rígida num contexto de mudança conduz a soluções casuísticas. Pensámos no Ordenamento do Território em contexto de expansão e vivemos em contexto de retração demográfica, de recuperação do imobiliário, de “refuncionalização das estruturas”. Há que considerar o ordenamento do território como um meio para o desenvolvimento do território e não como um fim em si mesmo. O objetivo, na sociedade da mobilidade, é não fixar, mas manter a ligação e aumentar o leque de oportunidades para as pessoas. O Ordenamento do Território necessita, seguramente, de um quadro jurídico



regulamentar, mas não pode limitar-se ao ordenamento jurídico do qual não recebe inspiração, mas normatividade; há que manter as metas do desenvolvimento, do respeito pela natureza, sem esquecer a intervenção da sociedade através de escolhas coletivas resultantes de consultas e outro tipo de intervenção dos cidadãos.

Na sessão da tarde deste segundo dia, falou-se de poesia e 'viveu-se poesia', sob a inspiração e a palavra da poetisa, *Ana Luísa Amaral*. Numa exposição introdutória, propôs considerações relativas à problemática da enunciação poética. O poema como "emoção relembrada na tranquilidade". A poesia é ato de criação de um "universo onírico, apesar de tudo, muito rente à pele". Não é mentira é fingimento: a partir de um mapa interior, o real e o simulado respeitam-se e recriam-se no poema. Quem lê também vive, reescreve, recria, o poema. A poetisa leu e comentou poemas seus, precipitando, a partir daí, o mergulho nesse universo onírico, mas muito "rente à pele". Momentos de poesia foram documentados com 'Experiências **Descritas**' vividas por jovens poetas de Arouca. "Abrir a poesia ao quotidiano; trazer para o poema inquietações sociais; opção por uma poesia 'engagé': a poesia é uma arma; 'escrevo porque viajo'; a música leva à elaboração poética" - estas algumas das experiências do fazer poesia ali reveladas pelos próprios. O momento dedicado à poesia terminou com a declamação de um poema sobre o Natal.

Houve ainda lugar para uma Mesa Redonda, presidida por *Sobrinho Simões*, em que se dialogou sobre "A criação, o Homem e o território". "Somos natureza: só somos especiais porque rebentamos com tudo", foi o mote introdutório e provocatório do presidente da Mesa. Arouca tem condições para otimizar o património natural, edificado, histórico. Há que saber passar, com qualidade, das palavras a atos consequentes. E há, em Arouca, quem o faça cultivando a qualidade. Foram aduzidos casos de evidente sucesso no âmbito do aproveitamento dos recursos naturais e do turismo, nomeadamente o *Geoparque Arouca*, o projeto em curso, no âmbito do *Programa Portugal 25*, numa parceria com entidades Governamentais, a Câmara e a Irmandade Rainha Santa Mafalda e que visa tratar o espólio do Mosteiro, expô-lo e divulgá-lo. Mas não só. Empresas de Arouca vêm dando um contributo sólido para o desenvolvimento humano, profissional, económico do concelho, em estreita ligação com as Escolas, divulgando os recursos endógenos, abertos à inovação, procurando que todos se envolvam, tornando-se agentes de mudança. Deseja-se a instalação de um centro de incubação de empresas. Mas há oportunidades que esperam a sua vez, como acontece com o volfrâmio.



Seguiu-se um tempo para 'gritos de alma'. Que parcerias com outros municípios, já que Arouca não é uma ilha? Há que usar o território como recurso educativo – o que está longe de estar esgotado! Há que estar atento ao envolvimento das populações locais, dispersas pelas aldeias, afastadas dos centros de dinamização! Há que articular ainda mais a dinâmica de desenvolvimento em Arouca com as Universidades! E há que acabar a via estruturante!...

Foram dados esclarecimentos que sossegaram alguns destes 'gritos de alma'. Assim, no âmbito das relações intermunicipais, Arouca está perfeitamente integrada antes de mais pela contiguidade da paisagem natural, pelo aproveitamento de recursos naturais que vão sendo aproveitados em iniciativas conjuntas, quer ao nível da mobilidade, do turismo, da fruição e preservação da serra da Freita. Arouca está integrada na Área Metropolitana do Porto, onde tem uma presença ativa. E não esquece parcerias com outras comunidades com troca de experiências e com horizontes mais alargados, já que estamos inseridos na Comunidade Europeia.

Palavras protocolares da representante da *ESA*, da *Associação Cultura e Democracia* e da *Câmara Municipal*, encerraram as Jornadas. Manifestaram como valeram a pena para todos os intervenientes, conforme as diversas formas e níveis de participação, alunos, professores, conferencistas, intervenientes, comunidade em geral. A *Associação* disse palavras de agradecimento aos conferencistas e de reconhecimento de que nos sentimos todos mais família: partilhamos preocupações, objetivos, recursos. A *Presidente da Câmara* reconheceu, enalteceu e agradeceu o trabalho de todos, salientando quanto a escola pública se evidencia na qualidade da sua participação. E frisou: "Trabalhando todos, teremos mais energia e valor". Reconheceu que Arouca tem muitos embaixadores, desejando que todos se sintam integrados. "A paixão de ser arouquenses é que nos mobiliza".

A. Teixeira Coelho

Janeiro de 2018